

Resenha do livro: SILVA, Semíramis Corsi. **Magia e Poder no Império Romano: a apologia de Apuleio**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

Vinicius Sales Barbosa¹

Magia e Poder no Império Romano é um livro originado da dissertação de mestrado de Semíramis Corsi Silva, que é doutora, mestre e graduada pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca. A autora relaciona as diversas práticas de magia, política, filosofia e matrimônio presentes no Império Romano no século II d. C de uma forma acessível e de fácil compreensão, tendo em vista a complexidade desses temas.

Silva tem como base para o seu livro o filósofo sofista Apuleio, que viveu na época do principado romano, nos governos dos imperadores Adriano (117-138 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.).

Apuleio era nascido na colônia agrária romana de Madaura, na África do Norte, atual Argélia. Seus familiares ocuparam cargos políticos e administrativos importantes. Seu pai, vindo da península itálica, ocupou o cargo de *diunviro*, a mais alta magistratura municipal, e, como a organização social era hereditária, mais tarde Apuleio ocupou o mesmo cargo (p.39).

A autora nos mostra que Apuleio era um homem culto, conhecedor do grego e do latim, das matérias elementares, gramática e retórica; esses dois últimos após mudar-se para Cartago. Mas o elemento mais importante mencionado é o seu estudo sobre a filosofia de Aristóteles e principalmente de Platão, realizado em Atenas (p.40).

Em certo momento do discurso *Apologia*, escrito por Apuleio e utilizado como principal fonte bibliográfica por Silva, o escritor demonstra que conhece práticas medicinais ao dizer que examinou uma mulher portadora de epilepsia e, mais tarde, essas práticas serão proferidas como acusações contra o filósofo, que sofre suspeitas de ser um mago.

Silva nos conta que “no oriente, Apuleio se iniciou em diver-

sos cultos místéricos, próprios da nova fórmula que a filosofia platônica se configurava” (p.42). Essa passagem traz duas informações, a primeira é que Apuleio era um homem que gostava de viajar e possuía dinheiro para realizar suas viagens e a segunda é que ele era mesmo iniciado em cultos mágicos, mas, resta saber, se os mesmos eram de práticas maldosas.

Em suas viagens, Apuleio passa pela cidade de Oea, atual Líbia, onde adoece e vive por algum tempo. Reencontra Ponciano, antigo amigo da época de estudos em Atenas, que o apresenta à sua mãe, Emília Pudentila, viúva por muito tempo e que, mais tarde, se casa com o filósofo (p.43).

Segundo Silva, “Pudentila contrai a *sponsalia*, contrato de futuro casamento com o irmão de seu falecido marido Sicínio Amico, seu cunhado, Sicínio Claro” (p.43). Mas, segundo Apuleio, em seu discurso Apologia, este contrato foi cancelado antes de ele chegar à cidade.

Como Apuleio era um filósofo sofista que gostava de viajar por diversas partes, o matrimônio contraído com Pudentila nos faz ver a extrema mudança pela qual o mesmo passou.

Mesmo após Apuleio ter vivido três anos em Oea, o casamento não foi bem aceito por todos, de tal forma que Emiliano, irmão do falecido marido de Pudentila, moveu uma ação contra o filósofo. A acusação foi feita por Pudente, filho mais novo da viúva, que foi orientado por seu tio, talvez por não aceitar outro tomando o lugar de seu pai (p.45).

Acredita-se que o principal motivo da ação se relaciona com o dote que Emília teria que conceder casando-se com o irmão de seu falecido marido e de Emiliano, Sicínio Claro. Outro ponto levantado pelos acusadores foi que Apuleio teria usado magia para conquistar Pudentila e obter parte de sua riqueza.

Silva explora essa relação de riqueza de cada aristocrata romano envolvido no processo. Inicia com Apuleio, dizendo que o mesmo “herdou um milhão de sestércios” e que mesmo que ele não cultivasse as terras que possuía “ele pode ter mantido sua fortuna de rendas” (p.70). Com essas afirmações, fica claro como o filósofo fazia para manter suas viagens por várias regiões.

Pudentila também era dona de terras e possuía uma fortuna de quatro milhões de sestércios, reduzida quando seu filho mais velho, Ponciano, se casou e quando seu filho mais novo, Pudente, recebeu a toga viril. A mesma aumenta consideravelmente quando seu filho Ponciano falece e não deixa sua herança para sua esposa, e sim para

sua mãe e irmão (p.71).

Após esse ocorrido, Herênio Rufino, homem abastado e dono de diversas fazendas, pai de Herênia, ex-esposa de Ponciano, passa a apoiar a causa de Emiliano na acusação contra Apuleio, pois Ponciano deixa seus bens para a mãe e, conseqüentemente, para o dote que ela daria ao filósofo.

Como toda a família de aristocratas romanos, a família dos Sicínios também era detentora de posses, caso contrário não poderia estar presente na aristocracia municipal de Oea.

Segundo a autora, havia duas práticas de magias na época do principado romano, a *goetía*, magia maléfica utilizada sobre os deuses e para invocação de *daimones*, e a *teurgia*, que era utilizada para a veneração dos deuses e em rituais (p110). Apuleio foi acusado de ser praticante da primeira.

A autora deixa claro que a magia no período estudado por ela tinha ligações com o poder, por dois motivos, pelo praticante possuir forças sobrenaturais e porque os homens públicos tinham ligações com práticas mágicas, ou seja, a magia estava presente na sociedade e relacionava-se com o povo e com Apuleio, pelas práticas religiosas e cultos místéricos nos quais era iniciado (p.127).

De acordo com a autora e o discurso *Apologia*, os principais pontos que levaram Apuleio ao tribunal foram: a imagem dele como filósofo e orador, práticas de magias místicas com a filosofia da qual era seguidor e o que motivou seu casamento com Pudentila (p.154).

Fica subentendido nos comentários da autora que Apuleio era um filósofo arrogante, já que refuta o primeiro argumento da acusação como sendo alvo de inveja de seus acusadores, pois o mesmo possuía uma “imagem elegante e uma oratória eloqüente” (p.155).

Segundo Silva, “esta acusação à vaidade do filósofo está relacionada com uma crítica à auto exaltação que lhe era característica” (p.157), tendo em vista que Apuleio sempre destacava a sua imagem em seus discursos.

Em relação ao segundo argumento de acusação, Silva diz que “para Apuleio, seus acusadores denunciaram-no por magia porque são ignorantes” (p.161), e, realmente, as acusações são realizadas em argumentos infundados que confundiam as práticas mágicas de rituais com as práticas mágicas negativas.

Como primeiro tópico dessa acusação, a autora cita a fábrica de creme dental pelo filósofo com plantas desconhecidas pelos acusadores. Silva aborda que Apuleio fabricou esse creme dental com o

objetivo de “limpar a boca, já que era um importante orador” (p.164). Outro ponto, já citado anteriormente, foi o exame feito por Apuleio na paciente que era epiléptica, o qual seus acusadores diziam ter sido magia. Segundo a autora, ele refuta essa acusação com “um longo discurso sobre a natureza e as reações dessa doença, citando estudos do filósofo Platão” (p.167).

O terceiro e principal ponto é abordado com cuidado pela autora, pois a viúva Pudentila demorou muito tempo para se casar, e os acusadores acreditam que só houve o casamento porque Apuleio praticou magia (p.174). Segundo Silva, Apuleio expõe em seu discurso diversas vezes que se casou com Pudentila por causa de suas virtudes como mulher e mãe e, novamente diz que deixou de lado o fato econômico, já que para um filósofo o dinheiro não significava nada (p.175).

Ao escrever o discurso, quinze anos após o mesmo ser proferido, Apuleio, estudado na filosofia e retórica de Platão, ressalta que tratou igualmente todas as acusações durante o processo e indica que o juiz aceitou sua tese, vendo que se tratava de um crime entre famílias e não público, uma vez que a pena para praticantes de magia era o pagamento de uma multa (p.192 e p.193).

Segundo a autora, devido ao tempo que o discurso demorou para ser escrito, o texto pode ter sofrido alterações, mas, a mesma considera o discurso como “um testemunho de extrema validade para a compreensão das motivações de acusação” (p.198), concluindo que todos os envolvidos queriam passar imagens de bons cidadãos, principalmente Apuleio, que deseja mostrar uma imagem honesta e correta para todos que futuramente o leriam (p.198).